



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

ALICE ALTAFIN SANTOS

**OS CIGANOS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES DENTRO DE UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA**

JOÃO PESSOA
2024

ALICE ALTAFIN SANTOS

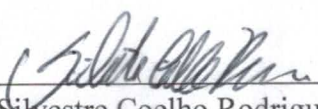
OS CIGANOS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM: DESAFIOS E POSSIBILIDADES
DENTRO DE UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.


Orientador(a): Prof.^a Silvestre Coelho Rodrigues

Aprovado em: 04 / 05 / 2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Silvestre Coelho Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Mariana Lins de Oliveira (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237c Santos, Alice Altafin.

Os ciganos e o processo de aprendizagem: desafios e possibilidades dentro de uma visão psicopedagógica / Alice Altafin Santos. - João Pessoa, 2024.

21 f. : il.

Orientação: Silvestre Coelho Rodrigues.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) - UFPB/CE.

1. Cultura cigana. 2. Diversidade cultural - escola. 3. Educação multicultural. 4. Psicopedagogia - cultura cigana. I. Rodrigues, Silvestre Coelho. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.015.3:316.72(043.2)

RESUMO

A presente pesquisa explora a relação da cultura cigana nos processos de aprendizagem, destacando a importância de práticas educacionais inclusivas e sensíveis à diversidade. Seu objetivo geral é analisar a importância da aprendizagem cultural dos ciganos no contexto educacional, enquanto os objetivos específicos incluem discorrer sobre as práticas educacionais, os desafios e oportunidades nas comunidades ciganas; refletir sobre a necessidade da diversidade cultural no contexto educacional brasileiro; abordar a importância de práticas inclusivas e culturalmente sensíveis na psicopedagogia, especialmente em relação à comunidade cigana. Utilizando a revisão bibliográfica como metodologia, a pesquisa revela desafios enfrentados pelos ciganos devido à repressão histórica de sua cultura, refletindo-se em exclusão social e falta de políticas públicas específicas para esta comunidade. Destaca-se a necessidade de repensar na maneira como as escolas reproduzem a discriminação dentro do contexto educacional, buscando o caminho contrário, que promova o respeito e valorização da diversidade cultural. O psicopedagogo emerge como agente de transformação, promovendo estratégias inclusivas e colaborando na comunicação entre escola e comunidade cigana. Assim, a pesquisa aponta para a importância de uma abordagem multicultural na educação, visando garantir a inclusão e o sucesso educacional de todos os alunos, independentemente de sua origem étnica ou cultural.

Palavras-chave: Cultura cigana; Diversidade Cultural na Escola; Educação multicultural; Psicopedagogia e Cultura.

ABSTRACT

This research explores the relationship between gypsy culture in learning processes, highlighting the importance of inclusive and diversity-sensitive educational practices. Its general objective is to analyze the importance of gypsy cultural learning in the educational context, while specific objectives include discussing educational practices, challenges and opportunities in gypsy communities; reflect on the need for cultural diversity in the Brazilian educational context; address the importance of inclusive and culturally sensitive practices in psychopedagogy, especially in relation to the gypsy community. Using a bibliographical review as a methodology, the research reveals challenges faced by gypsies due to the historical repression of their culture, reflected in social exclusion and a lack of specific public policies for this community. The need to rethink the way in which schools reproduce discrimination within the educational context is highlighted, seeking the opposite path, which promotes respect and appreciation of cultural diversity. The educational psychologist emerges as an agent of transformation, promoting inclusive strategies and collaborating in communication between the school and the gypsy community. Thus, the research points to the importance of a multicultural approach in education, aiming to guarantee the inclusion and educational success of all students, regardless of their ethnic or cultural origin.

Keywords: Gypsy culture; Cultural Diversity at School; Multicultural education; Psychopedagogy and Culture.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo complexo que envolve uma interação dinâmica entre o indivíduo e seu ambiente, incluindo fatores cognitivos, emocionais e sociais. Segundo Vygotsky (2007), para aprender, elaborar conhecimentos e para se autoconstruir, o ser humano precisa interagir com outros membros de sua espécie, com o meio e também com a cultura.

Dentro desse contexto, a influência da cultura tem sido reconhecida como um componente essencial na compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo. Tylor (1871) definiu cultura como um “conjunto complexo, que inclui conhecimentos, crenças, arte, leis, moral, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade.” Sob essa perspectiva, a cultura molda as experiências, valores, crenças e práticas de um grupo social, influenciando diretamente a maneira como os indivíduos percebem, interpretam e aprendem sobre o mundo ao seu redor.

Ao longo da nossa jornada acadêmica, tivemos a oportunidade de participar ativamente de projetos e experiências que permitiram mergulhar em diversos contextos sociais. Essas vivências ampliaram nossa compreensão sobre a influência significativa que o ambiente social e cultural exerce na vida das pessoas. Reconhecendo a importância desses temas e a necessidade premente de promover discussões mais profundas e exploratórias para a construção de uma educação inclusiva e abrangente.

A partir da participação em um dos projetos de extensão, com idas a campo, a realidade cigana ficou mais próxima da nossa, nos deparando com uma realidade de exclusão social que me trouxeram novas indagações. Se há tantos ciganos pelo nosso país, por que eles estão sendo invisibilizados? Por que eu não aprendi sobre a cultura deles durante meu tempo escolar? Onde eles estão? Como eles estão vivendo a cultura? Como são inseridos no contexto educacional? De que forma as escolas podem trabalhar sob essa perspectiva da diversidade cultural e como os psicopedagogos poderiam atuar dentro dessa realidade, incluindo essa comunidade e oferecendo uma aprendizagem mais significativa e práticas mais inclusivas nas escolas?

Esses questionamentos nos instigaram a explorar a cultura cigana no contexto educacional, sob uma perspectiva psicopedagógica, afinal, foi percebido uma necessidade de estudos e uma falta dos mesmos. Reconhecendo a complexidade e os desafios enfrentados por essa comunidade, bem como as oportunidades únicas que ela oferece para repensar e enriquecer as práticas educacionais. Com uma história marcada por desafios sociais e culturais, os ciganos têm mantido tradições e costumes únicos que influenciam profundamente sua abordagem à educação. Segundo o Decreto Federal n.º 6.040/2007, os ciganos são:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, histórica e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

A história dos povos ciganos remonta a séculos de percurso migratório, atravessando continentes e fronteiras culturais. No Brasil, essa comunidade é marcada por uma trajetória de desafios e resistência, enfrentando não apenas as dificuldades cotidianas da vida nômade e seminômade, mas também suportando a persistência de preconceitos e estereótipos enraizados na sociedade. As barreiras enfrentadas por essa comunidade extrapolam as fronteiras físicas e se manifestam no acesso limitado à educação de qualidade e à participação efetiva na sociedade. É fundamental compreender que esses desafios não são inerentes à cultura cigana, mas sim resultado de um sistema social que perpetua desigualdades e exclusões a várias minorias.

No ambiente escolar, estas dificuldades se tornam ainda mais evidentes. A escola, enquanto instituição formal de ensino, muitas vezes negligencia a diversidade cultural e impõe um modelo homogeneizador de cultura e aprendizagem, desconsiderando as particularidades e vivências dos alunos ciganos. A falta de representatividade e a ausência de práticas pedagógicas sensíveis às diferenças culturais contribuem para a reprodução de estigmas e para o distanciamento entre a comunidade cigana e o ambiente escolar.

Diante desse cenário, surge a necessidade premente de uma abordagem intercultural na educação, que reconheça e valorize a pluralidade de saberes e experiências presentes na sociedade brasileira. A educação intercultural busca promover o diálogo entre diferentes culturas, estimulando a construção de identidades plurais e o respeito mútuo entre os diversos grupos étnicos. Como afirma, Reillo (2006), é a partir da interculturalidade que as propostas

educativas conseguem garantir o direito de todo aluno a uma educação de qualidade, como a educação democrática, a educação inclusiva, a educação em valores, o reconhecimento das identidades e a educação para a cidadania.

Nesse contexto, é necessário que os profissionais da educação atuem como mediadores no processo de aproximação entre a cultura escolar e a cultura cigana, promovendo práticas educativas inclusivas e emancipatórias. De acordo com Bossa (1994), O psicopedagogo é o profissional que auxilia na identificação e resolução dos processos de aprendizagem. Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua para enriquecer o debate acadêmico e para o desenvolvimento de estratégias eficazes no combate ao preconceito e à exclusão social enfrentados pela comunidade cigana. Ao reconhecer os desafios e as oportunidades na área da psicopedagogia, almejamos ampliar as reflexões e as práticas inclusivas e interculturais na educação.

Este trabalho possui o objetivo principal de analisar a importância da aprendizagem cultural dos ciganos no contexto educacional. Enquanto os objetivos específicos são de: a) Discorrer sobre as práticas educacionais, os desafios e oportunidades nas comunidades ciganas; b) Refletir sobre a necessidade da diversidade cultural no contexto educacional brasileiro; c) Abordar a importância de práticas inclusivas e culturalmente sensíveis na psicopedagogia, especialmente em relação à comunidade cigana.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE OS POVOS CIGANOS

A história dos ciganos tem sido predominantemente construída sobre conjecturas devido à escassez de documentos oficiais. Esta lacuna documental é na maioria compreensível, uma vez que os ciganos se caracterizam como um grupo étnico sem uma tradição escrita definida e são tradicionalmente caracterizados por ter o “segredo” como elemento estrutural da sua cultura. Para Goldfarb (2019), “não há uma história específica dos ciganos, nem no Brasil, nem no mundo”. Ausentes de registros históricos próprios e com uma longa história de repressão, não foi construída uma narrativa tão clara que elucidasse totalmente suas origens e tradições culturais.

Segundo os registros existentes os povos ciganos, possuem uma história milenar que se origina em regiões da Índia, Egito, Romênia, Oriente Médio e do Norte da África. Sua diáspora começou por volta do século XV, migrando para o Ocidente por diferentes rotas, espalhando-se por toda a Europa, atravessando fronteiras e culturas, mantendo sua identidade étnica e cultural distintiva (Goldfarb, 2019).

As comunidades ciganas se classificam em três grupos distintos: os nômades, que estão constantemente em movimento e habitam tendas; os seminômades, que possuem uma residência fixa, porém viajam ocasionalmente pelo trabalho; e os sedentários, que estabeleceram residência permanente, desfrutam de um padrão econômico mais elevado e uma parcela minoritária alcança o ensino superior, exercendo os mais diversos tipos de profissão (Pereira, 2011).

No contexto brasileiro, os ciganos chegaram durante o período colonial, trazidos pelos colonizadores portugueses. Suas origens exatas no Brasil ainda são objeto de debate entre os estudiosos, mas há evidências de sua presença desde o século XVI (Goldfarb et al, 2019). Ao longo dos séculos, os ciganos estabeleceram comunidades em diversas regiões do país, contribuindo para a diversidade étnica e cultural da nação.

“Há presença de pelo menos três etnias ciganas no Brasil: Calon, Rom e Sinti. Cada uma dessas etnias tem línguas, culturas e costumes próprios” (Brasil, 2013). Por se tratar de grupos distintos, não há como querer compreender os povos ciganos como homogêneos, mas mesmo com as especificidades grupais, os três grupos carregam o mesmo histórico frente aos não ciganos: perseguição, discriminação, racismo e negação de direitos (Santos et al., 2016)

O primeiro registro oficial da chegada de ciganos no Brasil tem início em 1574, quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram banidos de Portugal por 5 anos por simplesmente serem ciganos, e assim vieram para o Brasil (Teixeira, 2008). De qualquer forma, o degredo passou a ser utilizado como política de Portugal para limpar o país dos indesejáveis ciganos (Andrade, 2013).

A primeira lei portuguesa a impor especificamente o degredo data de 28 de agosto de 1592. Os homens deveriam se integrar à sociedade ou abandonar o Reino, em no máximo quatro meses. Caso contrário, ficavam sujeitos à pena de morte e suas mulheres seriam degredadas definitivamente para o Brasil.

No entanto, a história dos povos ciganos no Brasil foi marcada por episódios de discriminação e perseguição. Durante o período colonial, foram alvo de políticas de expulsão e restrição de liberdade, semelhantes às impostas a outros grupos étnicos e culturais não dominantes (Moonen, 2011). No século XIX, com o fim da escravidão e a formação de uma sociedade mais complexa, os ciganos passaram a enfrentar novos desafios, inseridos em um contexto de relações raciais e étnicas marcadas por discriminação e preconceitos.

Em 18 de janeiro de 1677, um decreto régio determinou o exílio dos ciganos para a Bahia ou para outras capitais, como Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro. Essa prática de deportação entre colônias foi repetida várias vezes e sob diferentes pretextos para ciganos considerados infratores. Além disso, como Goldfarb et al. (2019) aborda, houve tentativas de separar famílias, visando a extinção desse grupo étnico.

Como forma de não se perder culturalmente, em 16 de março de 1987 foi criado o Centro de Estudos Ciganos do Brasil – CEC, tendo por objetivo unir os povos ciganos, com os propositivos de fidelidade a si, aos seus costumes, aos seus valores, sem, no entanto, perder a noção da realidade social do país em que vivem (Pereira, 2011).

Em todos os tempos e espaços, se verificou o quanto este povo foi reprimido e o quanto esta situação, mesmo atualmente, obteve poucos avanços significativos para a emancipação do povo cigano. (Andrade, 2013). Na atualidade, os povos ciganos no Brasil ainda enfrentam inúmeras dificuldades, incluindo o acesso limitado à educação, saúde, moradia e trabalho. A falta de políticas públicas específicas e a persistência de estereótipos negativos contribuem para a marginalização e exclusão social dessa comunidade (Moonen, 2011).

A realidade é de que as populações ciganas formam minorias étnicas em muitos países. Além de migrações voluntárias, foram historicamente submetidas a deportações, resultando na subdivisão em vários clãs, nomeados conforme suas antigas profissões e origens geográficas, e que agora falam línguas ou dialetos diversos. No Brasil, as dificuldades enfrentadas pelos ciganos refletem não apenas questões históricas, mas também estruturais, relacionadas à desigualdade econômica e ao racismo institucionalizado. Ao ponto de haver publicações científicas com o título de “O Anti-Ciganismo no Brasil e na Europa”, de Frans Moonen, abordando essa realidade cruel.

2.2 DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

A escola é um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores, permeado por conflitos, problemas e diferenças (Mahoney, 2002). É nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento, participando tanto das atividades planejadas em sala de aula quanto das experiências fora dela (Rego, 2003).

Preparar alunos e professores para enfrentar os desafios de um mundo em constante mudanças e lidar com conflitos interpessoais é uma das responsabilidades fundamentais da escola, embora sua execução seja complexa. Essa preparação contribui significativamente para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

A escola, como instituição central na formação das futuras gerações, desempenha um papel crucial na promoção da diversidade cultural e do multiculturalismo. Como abordado por Rego (2003), mais do que um mero espaço físico para a transmissão de conhecimentos acadêmicos, ela é um ambiente de convivência e interação social, onde crianças, jovens e adultos desenvolvem as habilidades cognitivas, valores, atitudes e respeito mútuo.

Segundo Touraine (1999), a escola: “é um lugar privilegiado de comunicações multiculturais.” Ainda para ele, a escola tem um papel preponderante na promoção da autoestima e confiança, na promoção das relações sem preconceitos e discriminações, onde são criadas oportunidades para que as crianças, jovens e adultos das minorias consigam desenvolver-se em iguais circunstâncias dos estudantes pertencentes à cultura dominante (Rodrigues, 2013).

Para construir uma escola de todos e para todos é, portanto, necessário construir uma inclusão educativa e social dos alunos que têm particularidades e modos de aprendizagem diferentes das do modelo padrão esperado pela escola. Como Rodrigues (2018) aborda, é essencial reconhecer e valorizar as diferentes culturas presentes na sociedade, incluindo aquelas frequentemente marginalizadas, como a cultura cigana.

Silva (2017), afirma que “a discussão referente à construção das identidades de sujeitos invisibilizados é necessária para compreender e possibilitar a promoção da igualdade de oportunidades e a integração dos diferentes sujeitos socioculturais na sociedade em que vivemos”. Ao promover a diversidade cultural na escola, enriquecemos o ambiente de

aprendizagem ao apresentar aos alunos as diferentes perspectivas, experiências e modos de vida. Isso contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a inclusão e o respeito pela diferença sejam valores fundamentais.

O multiculturalismo na escola não se limita à simples coexistência de diferentes culturas, mas sim a uma abordagem que reconhece, valoriza e incorpora a diversidade cultural no currículo, nas práticas educativas e nas relações interpessoais. Isso implica em promover a reflexão crítica sobre as relações de poder e privilégio presentes na sociedade, bem como em combater o preconceito e a discriminação em todas as suas formas (Moonen, 2011).

Como abordado por Cortesão (2001), muitas vezes, a própria escola assume um papel difusionista quando pretende assegurar a adaptação do aluno às normas sociais da cultura de acolhimento e, negando as especificidades das minorias, procura adaptá-las à cultura dominante, ao invés de se preocupar com a adaptação e integração do aluno ao meio onde vive e interage com os diversos grupos sociais e culturais.

Desta mesma opinião é, também, Pereira (2004) que alerta que “a escola e o currículo continuam centrados nos padrões culturais dominantes e as culturas maternas dos grupos minoritários continuam a ser ignoradas.” A cultura cigana, historicamente marginalizada e estigmatizada, representa um importante exemplo da necessidade de promover a diversidade cultural e o multiculturalismo na escola. Ao reconhecer e valorizar a cultura cigana, a escola contribui para desconstruir estereótipos e preconceitos, promovendo uma maior inclusão e respeito ao povo cigano.

Portanto, a escola deve desempenhar um papel fundamental na promoção da diversidade cultural e do multiculturalismo. É necessário que os educadores adotem uma abordagem psicopedagógica que promova a reflexão crítica sobre as relações de poder e privilégio, que combatam o preconceito e a discriminação em todas as suas formas. Os próprios programas escolares deveriam ser adaptados, visando eliminar casos de discriminação e prejuízos face às minorias na escola (Ramos, 2003). Somente assim poderemos construir uma escola e uma sociedade verdadeiramente democráticas e plurais.

A escola ideal é aquela que proporciona experiências de aprendizagem significativas e motivadoras para todos os envolvidos, incluindo alunos, professores, pais e comunidade em geral. Essa visão requer uma constante adaptação e modernização para acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas em curso. Como Leite (2002) aborda:

Se a educação escolar não se transformar, quebrando o tradicionalismo que a caracteriza e englobando na sua cultura, subculturas de populações ou grupos que até há pouco tempo ignorava, ou que lhe eram estranhas, bem como questões das realidades locais e mundiais, está sujeita, pelo menos a duas situações: (1) perder uma das razões da sua existência e que é a de contribuir para uma educação para todos; (2) ser um veículo de marginalização de certos grupos sociais e obrigá-los a um processo de assimilação, sujeitando-os a uma perda das suas identidades culturais. (p. 97)

Devemos considerar que “a escola precisa repensar a forma como vem colocando seu currículo e sua relação de forma geral com as comunidades de minorias étnicas, a escola precisa deixar de adotar um material didático genérico e deixar, ela mesma, de ter o discurso do opressor, do colonizador, deixar de colocar-se como um representante do expansionismo implacável da civilização”. (Rodrigues, 2018).

2.3 O PSICOPEDAGOGO NESSE CENÁRIO

No contexto da educação, é fundamental que o psicopedagogo compreenda profundamente a constituição do sujeito, sua transformação ao longo das diferentes fases da vida, seus recursos de conhecimento e sua forma de aprender em relação ao grupo e sua interação com este. Esta compreensão é ainda mais crucial quando consideramos as comunidades ciganas, que enfrentam dificuldades únicas no sistema educacional devido à discriminação, estigmatização e falta de compreensão de suas tradições culturais.

Segundo Pontes (2010), “A atuação psicopedagógica tem como base o pensar, a forma como o aprendente pensa. É buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender.” O papel do psicopedagogo transcende a tarefa de avaliar e intervir nas dificuldades de aprendizagem dos alunos. Ele também é responsável por fortalecer a identidade da instituição, resgatando suas raízes e adaptando-a à realidade multicultural e diversificada dos aprendentes.

Segundo Bossa (1994),

pensar a escola à luz da Psicopedagogia, significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade.

É importante reconhecer que, historicamente, as comunidades ciganas foram marginalizadas e suas culturas quase sempre desvalorizadas no contexto educacional. Isso levou a uma lacuna significativa entre os saberes científicos da escola, representados pelo

ensino formal, e os saberes culturais dos alunos ciganos. Essa falta de integração resulta em alienação, desinteresse e baixo desempenho acadêmico entre os alunos ciganos.

Para Pontes (2010), “a escola e a sociedade não podem ser vistas separadamente, pois o sistema de ensino (público ou privado) reflete a sociedade na qual está inserido.” Portanto, a intervenção psicopedagógica em escolas que atendem a comunidades ciganas deve ser sensível e holística. Além de diagnosticar e tratar as dificuldades de aprendizagem individuais, o psicopedagogo deve também considerar o contexto cultural dos alunos, buscando integrar suas tradições e perspectivas no ambiente escolar.

A opinião de Barbosa (2012) é clara quando argumenta que:

Transformar a aprendizagem em prazer não significa realizar uma atividade prazerosa, e sim descobrir o prazer no ato de: construir ou de desconstruir o conhecimento; transformar ou ampliar o que se sabe; relacionar conhecimentos entre si e com vida; ser co-autor ou autor do conhecimento; permitir-se experimentar diante de hipóteses; partir de um contexto para a descontextualização e vice-versa; operar sobre o conhecimento já existente; buscar o saber a partir do não saber; compartilhar suas descobertas; integrar ação, emoção e cognição; usar a reflexão sobre o conhecimento e a realidade; conhecer a história para criar novas possibilidades.

A psicopedagogia institucional desempenha um papel crucial nesse processo, ao identificar e abordar os mecanismos inconscientes de uma organização escolar, incluindo preconceitos e estereótipos enraizados que afetam negativamente os alunos ciganos.

3 MÉTODO

O tipo de estudo utilizado nessa pesquisa foi a revisão bibliográfica de análise qualitativa, que buscou explicar e discutir o tema com base em referências teóricas. Buscou também conhecer e analisar conteúdos científicos sobre o tema (Martins; Pinto, 2001).

Optamos por uma abordagem narrativa, um dos métodos de revisão bibliográfica que visa explorar as perspectivas e descobertas de pesquisadores que investigaram previamente o tema. Este tipo de pesquisa tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (Marconi; Lakatos, 2007).

O levantamento das produções para esse artigo foi realizado a partir de pesquisas eletrônicas nas Plataformas SciELO, Periódico Capes e o Repositório Institucional da

Universidade Federal da Paraíba, assim como a biblioteca virtual da mesma. O acesso ocorreu nos meses de fevereiro a abril de 2024. Os descritores utilizados para o levantamento dos dados foram: ciganos; cultura; diversidade; escola; aprendizagem e psicopedagogia, com diferentes combinações entre eles.

Para a seleção dos materiais utilizados neste artigo, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram: estar disponível em língua portuguesa, estar acessível na íntegra e abordar a temática da pesquisa, sem restrição quanto ao período de publicação. Por outro lado, os critérios de exclusão foram aplicados a estudos que não se alinhavam com o tema abordado e que estavam desatualizados.

4 RESULTADOS

A pesquisa foi conduzida em três etapas. Inicialmente, os materiais encontrados foram lidos, começando pelos resumos e, em seguida, lidos na íntegra. Estes foram avaliados conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos previamente e, após essa avaliação, foram feitos fichamentos dos trechos considerados relevantes para a redação do artigo. Os materiais selecionados foram divididos em três classificações: a) os ciganos; contexto histórico; desafios e enfrentamentos sociais. b) diversidade cultural; multiculturalismo na escola; saberes populares no contexto escolar; c) a psicopedagogia institucional e seu papel social. Foram selecionados 17 materiais, intercalando entre materiais atualizados e os clássicos das temáticas abordadas. Conforme abordado no quadro 1 abaixo:

Quadro 1. Apresentação dos trabalhos utilizados no estudo.

AUTOR/ANO	TÍTULO	TIPO DE MATERIAL / CLASSIFICAÇÃO
ANDRADE J. LOURIVAL / 2013	Os ciganos e os processos de exclusão	Artigo / A
BRASIL / 2013	Guia De Políticas Públicas Para Povos Ciganos	Guia / A
CRISTINA C. PEREIRA / 2011	Ciganos: A oralidade como defesa de uma minoria étnica	Artigo / A
MARIA P. L. GOLDFARB,	Discutindo Ciganos Em Múltiplos Contextos:	Livro / A

MÉRCIA R. R. BATISTA / 2019	história, demandas por direitos e construções identitárias	
RODRIGO C. TEIXEIRA / 2008	História dos ciganos no Brasil	Artigo / A
SILVESTRE C. RODRIGUES / 2018	Saberes Populares e Identidade na Comunidade Cigana de Mamanguape - PB	Monografia / B
PAULA C. R. RODRIGUES / 2013	Multiculturalismo – A diversidade cultural na Escola	Relatório da Atividade profissional no Mestrado / B
TERESA C. REGO / 2003	Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades	Artigo / B
TERESA C. REGO / 2007	Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação	Artigo / B
LOPES REILLO / 2006	Uma oportunidade de aprender: a dimensão intercultural na formação de professores	Artigo / B
VANILDA A. SILVA; FLAVINÊS REBOLO / 2017	A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor	Artigo de revisão / B
LAUDICÉIA C. SANTOS / 2018	A(s) Cultura(s) dos Povos Ciganos no Espaço Escolar: A Formação Docente como Experiência Inovadora na Escola Municipal Agnaldo Marcelino Gomes	Artigo / B
FRANZ MOONEN / 2011	O Anticiganismo: Os Ciganos na Europa e no Brasil.	Livro / B
IDALINA A. M. PONTES / 2010	Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim	Artigo de Revisão / C
NÁDIA BOSSA / 1994	A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática	Livro / C
LAURA M. S. BARBOSA/ 2001	A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar	Livro / C
SARAH CAZELLA; RINALDO MOLINA / 2010	A intervenção psicopedagógica institucional na formação reflexiva de educadores sociais	Artigo – estudo de campo / C

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5 DISCUSSÃO

É dever constitucional da escola promover a diversidade cultural, como diz o Art. 215 da Constituição Brasileira (1988), “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.”

Mas apesar dos esforços legais e retóricos para promover a inclusão e a diversidade, na maioria das vezes as escolas reproduzem atitudes discriminatórias enraizadas na sociedade em relação às minorias. Essas comunidades, historicamente marginalizadas e estigmatizadas, encontram-se frequentemente excluídas dos espaços educacionais ou submetidas a tratamentos desiguais e vexatórios quando presentes.

Esse fenômeno é um exemplo de educação etnocida, onde a diversidade cultural é suprimida em favor de uma cultura dominante, muitas vezes associada ao grupo étnico dominante. Em vez de celebrar e valorizar as diferentes culturas e perspectivas, a educação etnocida promove a assimilação forçada, ignorando ou negando a riqueza que a diversidade traz para o ambiente escolar (Rodrigues, 2018).

É crucial reconhecer que a educação etnocida não se limita apenas às comunidades ciganas. Minorias étnicas e culturais em todo o mundo enfrentam desafios semelhantes em seus esforços para acessar uma educação multicultural. Mas como abordado por Rodrigues (2018), “os estudantes ciganos na sua maioria, estão optando por não expressarem a sua cultura diferenciada na escola e não se afirmarem ciganos com frequência”, justamente pela falta do acesso de uma educação de qualidade em um ambiente que respeite e valorize suas identidades únicas.

Dizer que uma escola é para todos, significa que temos de ter em conta a diversidade cultural que existe na mesma, e ter em atenção as diferenças de língua, religiões, costumes..., mas como visto por Rodrigues (2018), estudantes ciganos reforçam que suas escolas não dialogam com sua cultura e costumes, mesmo esse diálogo sendo um dever constitucional.

As discrepâncias de atitude entre os profissionais da educação refletem não apenas a diversidade de pontos de vista, mas também diferentes níveis de preparo e comprometimento (Rodrigues, 2018). Enquanto alguns abraçam fervorosamente a necessidade de práticas escolares mais inclusivas e democráticas, impulsionados por valores humanistas e

preocupações legais, outros parecem resistir a essa mudança, manifestando atitudes evasivas e críticas.

Como visto, a lacuna entre os saberes da escola e a cultura cigana cria uma desconexão entre os alunos ciganos e o ambiente educacional. Muitos jovens ciganos sentem-se desinteressados ou excluídos de uma educação que não reconhece nem valoriza sua identidade cultural. Como resultado, a taxa de abandono escolar entre os jovens ciganos é frequentemente alta, perpetuando um ciclo de marginalização e exclusão.

Essa situação não apenas destaca a complexidade da implementação de tais práticas, mas também ressalta a importância de investir na capacitação e no engajamento de todos os envolvidos no processo educacional. O verdadeiro desafio reside não apenas em reconhecer a diversidade, mas em cultivar um ambiente escolar onde ela seja genuinamente valorizada e integrada ao processo de aprendizagem e crescimento de todos os alunos.

Para combater a educação etnocida, é necessário um compromisso renovado com a promoção da diversidade e inclusão em todas as esferas da vida escolar. Isso inclui a implementação de políticas e programas que reconheçam e celebrem a diversidade cultural, a revisão dos currículos escolares para incluir de forma mais abrangente os saberes e perspectivas das comunidades ciganas, a formação de educadores sensíveis às questões de discriminação e preconceito e a criação de um ambiente escolar acolhedor e seguro para todos os alunos, independentemente de sua origem étnica ou cultural.

A relação estreita com as comunidades ciganas também é fundamental. Ao envolver os membros dessas comunidades no processo educacional, as escolas podem construir relações de confiança e compreensão mútua, promovendo uma educação mais relevante e significativa para todos os alunos.

Quando pensamos no psicopedagogo na escola, ele não apenas orienta, mas também propõe intervenções no currículo, no projeto político-pedagógico, na metodologia de ensino dos professores e nas formas de aprendizagem e ensino. Ele também desempenha um papel fundamental na promoção da comunicação entre a escola e a comunidade, estabelecendo um clima de confiança e colaboração.

Além disso, o psicopedagogo deve trabalhar em conjunto com os professores para desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas que reconheçam e valorizem a diversidade cultural dos alunos ciganos. Para a formação de educadores reflexivos, o desafio estaria na

concepção de um espaço institucional educativo, que concebesse o trabalho prático e a formação de seus profissionais, como um processo permanente, integrado ao cotidiano da instituição (Cazella et al, 2010). Isso pode incluir a incorporação de materiais didáticos relevantes para a cultura e a diversidade, o uso de métodos de ensino sensíveis à diversidade e a promoção de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para todos.

A presença dos desafios no processo de aprendizagem dos ciganos é notável por todas as questões abordadas anteriormente, mas é a partir destes desafios que nasce a necessidade e as possibilidades de o papel do psicopedagogo ir além da simples intervenção nas dificuldades de aprendizagem. Atuando como um agente de mudança que busca promover uma educação verdadeiramente inclusiva, sensível à diversidade cultural e capaz de proporcionar oportunidades de aprendizagem significativas para todos os alunos, independentemente de sua origem étnica ou cultural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi explorada a importância da valorização da cultura cigana no contexto escolar, destacando o papel da psicopedagogia na promoção da diversidade cultural e inclusão educacional. Nossos objetivos específicos nos levaram a analisar as práticas educacionais nas comunidades ciganas a partir dos referenciais bibliográficos, refletir sobre a importância da diversidade cultural na educação brasileira e abordar a necessidade de práticas mais inclusivas e culturalmente sensíveis na psicopedagogia.

No que diz respeito às práticas educacionais, identificamos desafios significativos enfrentados pelas comunidades ciganas, incluindo acesso limitado à educação e persistente discriminação. A história dos povos ciganos no Brasil é marcada por episódios de repressão e marginalização, refletindo-se em uma realidade de exclusão social e falta de políticas públicas específicas, dentro e fora do contexto escolar.

Ao discutir a diversidade cultural na escola, foi enfatizado o papel crucial da instituição na promoção do multiculturalismo e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, muitas vezes, as escolas reproduzem atitudes discriminatórias enraizadas, excluindo as comunidades ciganas dos espaços educacionais ou tratando-as de forma preconceituosa.

Nesse contexto, destacamos o papel fundamental do psicopedagogo como agente de mudança e promoção da inclusão educacional. A atuação psicopedagógica deve transcender a simples intervenção nas dificuldades de aprendizagem, englobando uma compreensão profunda do contexto cultural dos alunos ciganos e a promoção de estratégias pedagógicas inclusivas. Isso requer uma revisão dos currículos escolares para incluir os saberes e perspectivas das comunidades ciganas, bem como a promoção de uma comunicação eficaz entre a escola e a comunidade.

A psicopedagogia emerge como uma ferramenta essencial na promoção da inclusão e na construção de uma escola verdadeiramente democrática e plural. Apesar dos desafios enfrentados, o caminho a seguir é claro na busca por uma educação mais equitativa e sensível à diversidade cultural.

Em relação às limitações deste estudo, é importante reconhecer que nossa análise foi limitada pelo tempo disponível para conduzi-lo. A profundidade das questões abordadas poderá ser ampliada com uma pesquisa mais extensa e aprofundada. Além disso, a falta de acesso a dados específicos sobre o desempenho educacional e as experiências dos alunos ciganos também representou uma limitação significativa em nossa análise.

Para estudos futuros, sugerimos uma abordagem mais abrangente e longitudinal, que permita uma compreensão mais profunda das necessidades e experiências dos alunos ciganos no contexto educacional. Além disso, esperamos que futuras pesquisas se concentrem em desenvolver e avaliar intervenções específicas para promover a inclusão e o sucesso educacional dos alunos ciganos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE J. Lourival. Os ciganos e os processos de exclusão. **Revista Brasileira de História**, v. 33, n. 66, 2013.
- BARBOSA L. A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. **Curitiba: Expoente**, 2012.
- BOSSA, N. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. **Porto Alegre: Artes Médicas**, 1994.
- BRASIL, DECRETO Nº 6.040, FEVEREIRO DE 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>
- BRASIL. **Guia De Políticas Públicas Para Povos Ciganos**, 2013. Disponível em: <https://mppr.mp.br/sites/default/arquivos_restritos/files/migrados/File/Direitos_Humanos/GuiaCiganoFinal.pdf>
- CAZELLA, S.; MOLINA, R. A intervenção psicopedagógica institucional na formação reflexiva de educadores sociais. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100009&lng=pt&nrm=iso>.
- CORTESÃO, L. Acerca da Ambiguidade das Práticas Multiculturais – Necessidade de Vigilância Crítica Hoje e Amanhã. Educação e Diferença – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva. **Porto Editora**, Porto, 2001.
- GOLDFARB, M. P.; BATISTA R. M. Discutindo ciganos em Múltiplos contextos: história, demandas por direitos e construções identitárias. **Editora UFPB**, 2019.
- LEITE, C. O Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português. **Fundação para a Ciência e a Tecnologia**, Lisboa, 2002.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6ª edição, **São Paulo: Atlas**, 2007.
- MARTINS, G. A.; PINTO, R. L.; Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos. **São Paulo: Atlas**, 2001.
- MAHONEY, A. A. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. **Psicologia & Educação: Revendo contribuições**. São Paulo: Educ, 2002.
- MOONEN, F.O Anticiganismo: Os Ciganos na Europa e no Brasil. **Recife**, 2011.
- PEREIRA, A. Educação Multicultural – Teorias e Práticas. **Asa Editores**, Porto, 2004.
- PEREIRA, C. Ciganos: A oralidade como defesa de uma minoria étnica. **Anuario para el rescate de la tradición oral de America Latina y del Caribe**, 2011.
- PONTES, I. A. M. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. **Rev. Psicopedagogia**, 2010.

PONTES, I. A. M. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. **Rev. Psicopedagogia**. São Paulo, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300011&lng=pt&nrm=iso>.

RAMOS, N. Etnoteorias do desenvolvimento e educação da criança, uma perspectiva intercultural e preventiva. **Psicologia, Sociedade & Bem-Estar**. Ed. Diferença, Leiria, 2003.

REGO, T. C. Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, **RJ: Vozes**, 2003.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 18. ed. Petrópolis, **RJ: Vozes**, 2007.

REILLO, L. P. Uma oportunidade de aprender: a dimensão intercultural na formação de professores. Tenerife: Cabildo Insular de Tenerife, **Área de Desarrollo Económico**, 2006.

RODRIGUES, R. C. P. Multiculturalismo – A diversidade cultural na Escola. **Lisboa**, 2013.

RODRIGUES, C. S. Saberes Populares e Identidade na Comunidade Cigana de Mamanguape – PB. **Repositório UFPB**, 2018.

SANTOS, L. C.; SILVA, C. J. J.; MIRANDA, S. A. C. A(s) Cultura(s) dos Povos Ciganos no Espaço Escolar: A Formação Docente como Experiência Inovadora na Escola Municipal Agnaldo Marcelino Gomes, 2016. <Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/reia/article/view/230072/28991>>

SILVA, A. V.; REBOLO, F. A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/qPLYDcBpqSgrLYKh5PfgjWw/?format=pdf&lang=pt>>

TEIXEIRA, R. C. História dos ciganos no Brasil. Recife: **Núcleo de Estudos Ciganos**, 2008.

TYLER, B. E. Cultura Primitiva, **Cambridge University Press**, 1871.

TOURAINÉ, A. A escola do sujeito: Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. **Vozes**. Petrópolis, 1999.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo, SP: **Martins Fontes**, 2007.